



Escrita de si, formação e ensino da Arte

Ursula Rosa da Silva¹
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: O presente texto trata de uma reflexão a respeito do ensino da arte na universidade, considerando a perspectiva de autoformação docente e de uma escrita de si. O estudo tem como fonte de análise documentos e dados decorrentes do projeto de pesquisa Revisitando o Instituto de Letras e Artes (ILA-1969-2010), que objetiva contextualizar historicamente e valorizar as histórias de vida e de ensino dos docentes dos cursos de artes da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa utiliza como aporte teórico pensadores como Josso e Hernandez, valorizando a abordagem da escrita de si e do cotidiano que influenciam as metodologias de ensino. O texto apresenta uma análise do acervo pessoal de documentos da professora Myriam Anselmo, que atuou no Instituto de Letras e Artes até 1990.

Palavras-chave: Ensino de arte; escrita de si; formação docente

As memórias da docência estão, em geral, ligadas a aspectos biográficos, ou seja, quando se fala de uma metodologia aplicada por professores, também é preciso considerar o modo como estes professores se formaram, como vêm o mundo, quais as suas expectativas no campo do ensino, enfim, a pessoa que ensina é parte do processo de ensino, e suas escolhas estão, a todo o momento, influenciando seu modo de agir e sua atuação como docente e como formador. Além da evidenciação da memória no processo de reconhecimento desta constituição da formação, a reflexão sobre a autoformação está presente neste desenvolvimento de uma escrita de si, como diz Josso (2010, p.35) são: “aprendizagens experienciais a partir do que nos dizem as narrativas de formação que servem de material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem”.

É essa experiência de formação transformadora que busco encontrar em nos professores, a partir da pesquisa que desenvolvo no projeto: Revisitando o Instituto de Letras de Artes (1969-2010), em que abordo o trabalho dos docentes que passaram, e que ainda estão, no atual Centro de Artes da UFPel. A memória do trabalho, das vivências e das realizações dos professores é um dos enfoques que pretendo trazer à tona, considerando que este Centro é formador de profissionais

¹ Doutora em História (PUC-RS/2002), Mestre em Filosofia (PUC-RS/1992). Professora da UFPEL/RS, atua no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, nos Cursos de Graduação e no Mestrado de Artes Visuais.



que atuam, na sua maioria, no Sul do Brasil desde os anos 1970. Além do aspecto de historiografar os momentos vividos no ILA, este estudo pretende retomar a produção dos professores no sentido de dar ênfase as suas concepções pedagógicas dentro do ensino superior, sua visão do que significa o ensino de arte, quais as metodologias e procedimentos para efetivá-lo na formação tanto de artistas quanto de professores de artes, e se este ensino nos aponta especificidades nas visualidades produzidas.

A história do Centro de Artes passou por várias transformações e denominações – Escola de Belas Artes Carmen Trápaga Simões (1949), Instituto de Artes (1971), Instituto de Letras e Artes (de 1973 a 2005), e Instituto de Artes e Design (de 2005 a 2010) – e o cotidiano desta memória ainda tem poucos registros em textos com o enfoque da historiografia.

No ano de 2012, dando sequência a uma série de atividades para retomar a história do ILA – Instituto de Letras e Artes (atual Centro de Artes), convidamos um grupo de professores aposentados para conversar com alunos e professores a respeito de suas memórias como docentes da UFPel, suas estratégias como gestores e de suas metodologias de ensino no campo da arte. Este encontro foi denominado Seminário Memórias do Ensino da Arte. Os relatos foram registrados em vídeo e, no ano de 2014 foi documentada².

Na oportunidade do Seminário de 2012, a professora Myriam Anselmo³ doou para esta pesquisa alguns de seus documentos, dentre textos; imagens; cadernos de aula. Este gesto de passar seus registros significou muito mais do que uma entrega de papéis ou de um acervo que pode manter uma memória: significou uma entrega de si, uma aposta na continuidade de uma luta de anos pelo ensino e dedicação às artes, que iniciou, como ela disse: “com um contrato de serviço sem

² Um vídeo documentário foi produzido por professores e alunos do Curso de Cinema da UFPel, sob coordenação da profa. Cintia Langie, e como resultado parcial da pesquisa orientada pela autora deste texto. O documentário encontra-se disponível em: <http://paeufpel.blogspot.com.br/2014/06/centro-de-artes-origens.html>.

³ Myriam de Souza Anselmo ingressou em agosto de 1968 na Escola de Belas Artes (EBA) para lecionar Anatomia Artística. Depois a partir da criação da UFPel, em 1969, e a união da EBA com o Instituto de Artes, que deu origem ao Instituto de Letras e Artes (ILA), neste foi profa. de anatomia e escultura, foi chefe do Departamento de Artes Visuais, em 1975, coordenou o Curso de Graduação em Pintura, Escultura e Gravura em 1973, foi diretora do Instituto de Letras e Artes de 1977 a 1981, aposentou-se em 1990.



remuneração, com prazo indeterminado”⁴, apostando que a universidade iria criar um Instituto de Artes.

Marie-Christine Josso, que trabalha com o método biográfico, mostra como as histórias de vida são fundamentais para a constituição do processo de formação. Na obra *Experiências de Vida e Formação*, ela aborda a importância das histórias de vidas, como material de apoio na investigação sobre formação, principalmente no espaço universitário. Para Josso, o enfoque por histórias de vida tem dois objetivos: evidenciar o modo como o pesquisador modifica seu posicionamento ao se envolver e aprimorar a metodologia de pesquisa-formação vinculada a uma história de vida; e constituir um novo campo de reflexão, abrangendo a formação e a autoformação (2010, p. 31).

Por outro lado, também é importante avaliar os aspectos da estrutura que a academia possibilita aos professores para que o trabalho pedagógico tenha um apoio, não apenas de base metodológica, curricular e conceitual, como também de âmbito da infra-estrutura.

Nos escritos de Myriam encontrei desde planos de aula a planejamentos de gestão, que revelam uma organização prática em um cotidiano administrativo, mas também, muito articulada a um pensamento sobre esta estrutura administrativa, uma elaboração de procedimentos didáticos necessários para a fundamentação do ensino na arte e no âmbito da universidade. Aliás, somente o contato com os cadernos de escrita de Myriam já são fonte de uma experiência de emoção. A escrita é feita à mão com caneta, muitos desenhos a lápis, e com o cuidado de uma professora que apresenta, de forma organizada seu planejamento para cada dia de aula. Esses espaços que se intercalam na escrita, no papel testemunham que, na verdade, a estrutura acadêmica não existe separadamente do movimento pedagógico diário da universidade. Esta escrita demonstra um pensar, que é vida pulsante, presente nas linhas traçadas dos currículos, ou seja, que todo o planejamento, que fica no papel e no que chamamos “grade” curricular, deve ser vivido no cotidiano acadêmico. É desta vida que trata a formação.

⁴ Relato oral de Myriam de Souza Anselmo no Seminário Memórias do Ensino da Arte, Centro de Artes, 2012.



Ao abrir um dos cadernos⁵, dentro dele estava, como perdida dentre as páginas escritas, uma folha seca, de um verde desbotado, cuja cor, parte de seu verde, tinha passado para a folha de papel, deixando sua marca (imagem 1). Uma pequena folha seca no meio de um caderno manuscrito. Uma simples folha, mas com tantos significados, de vivências, de memórias, de mensagens implícitas, deixadas – sem grandes pretensões para o futuro – nas páginas escritas à mão, num caderno de planejamento de aulas, um diário de bordo, revelador de um cotidiano pedagógico e administrativo, cujos temas, problemas e provocações nos aproximam muito do que nós hoje vivenciamos neste cotidiano atual.

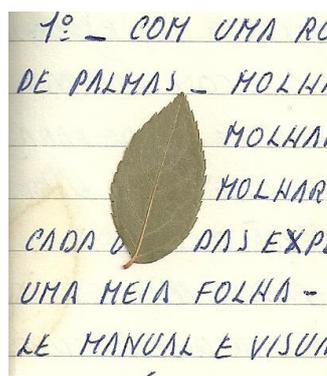


Imagem 1 - Folha seca em caderno de planos de aula de Myriam Anselmo (texto de 1982)

A primeira impressão foi a de acaso, uma folha que ficou guardada sem intenção. Mas logo percebi que havia um grande sentido naquela folha, e que todo um pensamento e planejamentos de aulas foram feitos a partir dela, pois na mesma página, estava um texto e uma sequência explicativa que utilizava a folha para exemplificar o ritmo na composição.

⁵ Caderno de anotações de Myriam Anselmo – com registros de novembro/1980 a dezembro/1982.

ANAIIS

25º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO



EDITORA
da
FUNDAÇÃO

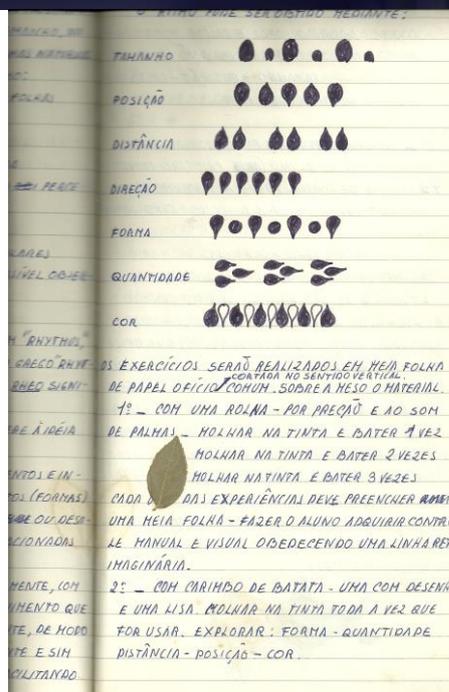


Imagem 2 - Folha seca e texto explicativo de como obter o ritmo na composição, em caderno de planos de aula de Myriam Anselmo (texto de 1982)

Além do conteúdo que este caderno traz, começo a refletir a partir dele mesmo, do suporte que envolve uma escrita, uma documentação, uma narrativa muito íntima no sentido de um diário com o qual conversamos e confessamos nossos sonhos e nossas decepções, as realizações, as conquistas e as decepções também do cotidiano. Ao mergulhar neste documento, vou confirmando algumas considerações: primeiro, que existe uma estrutura na instituição de ensino da qual não se pode prescindir, e a qual, cotidianamente temos que enfrentar. Segundo, que a base pedagógica está absolutamente ligada à estrutura físico-administrativa da instituição.

A partir disso, pergunto: qual seria o papel do ensino da arte hoje, dentro e fora do espaço acadêmico? Acredito que a formação de professores passa pelo convívio cotidiano também do grupo de que fazemos parte, aprendemos com nossos colegas, e isso é o que melhor define a formação continuada: dia a dia continuamos nossa jornada de aprendizagem, num cotidiano que vai dando significado ao nosso fazer. E esse cotidiano, como define Fernando Hernández (2007), demanda que se desenvolva uma percepção aguçada para ver o novo no “mesmo”, ou seja, o mundo



é o mesmo todos os dias, as pessoas são as mesmas, ou pensam ser, o segredo está em perguntar “quem vê?” e “o que vê?”. Aquele que se coloca num estado de predisposição para ver o novo vai sempre buscar outras formas de significação, não vai se acomodar com os significados dados e vividos no dia-a-dia pelo senso comum. Assim vejo o legado de Myriam Anselmo, como motivador, inspirador de mais fazeres, de mais vida, de mais motivos para seguirmos, darmos continuidade, e para contagiar a outros com arte. Dentre suas anotações de compras, concertos e a demanda por verbas para a aquisição de um prédio para o ILA (Instituto de Letras e Artes), as questões pedagógicas sempre aparecem articuladas. Vemos que em seus objetivos para os “próximos dias” estaria presente a articulação das ações de ensino, pesquisa, extensão junto a equipamentos, material, pessoal e espaço, ou seja, sempre teve a visão de que a estrutura acadêmica e a base pedagógica devem andar juntas.

Josso afirma que a abordagem biográfica pode ser um bom lugar para perceber aspectos relevantes das situações educativas, para ela “a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: o saber-fazer e os conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação” (2010, p. 36). E, nesse sentido, podemos verificar que a experiência e as práticas de ensino pelas quais passamos, são tão formadoras quanto o conteúdo formal das disciplinas. A vivência de um cotidiano que proporcione o questionamento constante do “como fazer?” é desafiador, pois, ao darmos uma resposta, não percebemos, mas uma transformação aconteceu.

Assim, ao realizar esses encontros com pessoas e com seus textos, reveladores de um tempo enriquecedor de vida como formadores, espero poder registrar algo do que foi a vida e o ensino das artes deste Centro de Artes, desde as suas origens, principalmente por meio dos rastros destes professores que deixaram sua marca, seus sonhos, seus afetos e realizaram obras, proporcionaram grandes momentos de ensino, de testemunho de vida, de dedicação à instituição acadêmica



e inventaram um cotidiano múltiplo de visualidades, com o qual nos comprometemos a dar continuidade.

Referências

Arquivo do Centro de Artes. UFPEL, Pelotas.

BARBOSA, Ana Mae. *História da Arte-Educação*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

_____. *A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. *A Formação do professor de arte: do ensaio ... à encenação* – 3 ed. São Paulo: Papirus, 2007.

Caderno de anotações de Myriam Anselmo - nov/1980 a dez./1982.

Caderno de anotações de Myriam Anselmo – 1983

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. Coleção Pesquisa AutoBiográfica: Paulus/EDUFRN, 2010.

PELLEGRIN, José Luiz de. *RELATO* – texto digital, não publicado, maio de 2015.

SILVA, Ursula R. da; LORETO, Mari-Lúcie. *História da arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1980*. Pelotas: EDUCAT, 1996.